



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 04/02/2022

GLOBAL	2
Rabobank: Impacto de la pandemia en mercados de alimentos.....	2
FAO Los precios mundiales de los alimentos aumentan en enero	3
CHINA	4
Proteínas obtenidas en laboratorio ingresan a plan quinquenal para la alimentación	4
BRASIL	5
Mercado ganadero estable en las últimas tres semanas	5
São Paulo se prepara para ser rotulado como “zona libre de Fiebre Aftosa sin vacunación.....	5
Exportaciones de carnes bovinas: récords en enero. China las incrementó en 30%	6
Real se apreció al cierre del mes de enero	6
URUGUAY	6
Lluvia le cambió la cara al mercado de haciendas: escasea la oferta	6
Aumenta precio de la carne en el mercado interno.....	7
No para: exportaciones de carne vacuna a China treparon 47% interanual en enero	7
Egipto rehabilitó 23 establecimientos de faena, 15 son de bovinos.....	7
Fiebre Aftosa creación del Banco Regional de Antígenos y Vacunas.....	8
Industria frigorífica cerró el año con la menor morosidad desde 2019	8
PARAGUAY	9
Aumenta la disparidad de precios entre plantas, pero el mercado del gordo continúa firme	9
Precio promedio de la tonelada de carne exportada aumentó 19,7% en enero	9
Unión Europea ratifica cupo de la cuota Hilton para Paraguay	9
UNIÓN EUROPEA	10
Rabobank espera una ligera contracción en la producción de carne de cerdo en Europa en 2022	10
La UE estrena normas para limitar el uso de antibióticos en animales.....	11
ALEMANIA esperará una solución común para implementar etiquetado origen de la carne	12
ESTADOS UNIDOS	12
Rodeo bovino: baja stock de hembras 2 por ciento. Sus implicancias.....	12
NCBA: Margenes Producción vs. Industria	14
USDA+Departamento de Justicia: canalizan denuncias de manipulación de precios	14
NAMI: proyecto de modificación de normativa afecta la sustentabilidad del sector	15
CattleFax Proyecciones 2022	16
China no cumplió con la Fase I del acuerdo de 2021	16
AUSTRALIA	17
Bajan las exportaciones afectadas por casos de COVID en plantas	17
MLA Proyecciones 2022 – recuperación del rodeo y de la faena – buenas perspectivas para feed lots – creciente competencia para las exportaciones de bovinos vivos.....	18
China suspende a otro frigorífico y la industria exige soluciones al gobierno	21
EMPRESARIAS	22
Marfrig aumenta su participación en BRF.....	22
JBS reconocida por sus prácticas sustentables con el medio ambiente	22
JBS cierra un acuerdo preliminar en reclamo judicial por manipulación de precios	22



GLOBAL

Rabobank: Impacto de la pandemia en mercados de alimentos

2 de fevereiro de 2022

A demanda por carne bovina está alta e espera-se que continue assim por vários anos – no entanto, há mudanças à frente para o setor. É isso que um novo relatório do Rabobank tem a dizer.

Vamos ser sinceros: nenhuma indústria é a mesma ou será a mesma que era antes do COVID-19 no mundo pós-COVID-19.

A pandemia levou a alguns aspectos positivos no mundo da carne bovina, um dos quais foi o aumento da demanda. A pandemia alterou significativamente a vida das pessoas – menos comer fora e mais refeições em casa. E devido ao estímulo do governo e mudanças em muitos locais de trabalho, indivíduos e famílias tiveram mais renda disponível e tempo para cozinhar em casa.

No entanto, o COVID-19 também mostrou problemas na cadeia de suprimentos quando se trata de carne bovina. Embora possa haver carne bovina suficiente sendo produzida, chegar ao público se tornou problemático e caro.

O relatório do Rabobank diz: “A transição de um sistema de entrega just-in-time para um sistema de entrega just-in-case parece ótimo. Mas como essa resiliência pode ser incorporada ao sistema sem que os custos crescentes se tornem proibitivos?”

Não é realista ou economicamente viável pensar que os produtores podem construir e manter um maior estoque de gado com a elasticidade disponível quando as condições de mercado exigem contração ou aumento da oferta de gado ao mercado, observa o relatório. “Uma cadeia de suprimentos mais durável e flexível dependerá em grande parte de mudanças e adaptações.”

Os produtores de gado têm pouco ou nenhum controle sobre o que acontece na cadeia de fornecimento de carne bovina depois que o animal é abatido. No entanto, os produtores terão que estar atentos às mudanças na cadeia de suprimentos.

Por exemplo, desde o início do COVID, os salários de entrada na fábrica de carne bovina aumentaram 33%. Caixas e materiais de transporte aumentaram 25%. Os aumentos de custos são constantes em toda a cadeia produtiva e terão impacto direto nos preços da carne no varejo ao consumidor.

A questão para os consumidores agora é se eles poderão comprar carne bovina nos níveis vistos nos últimos dois anos, à medida que a economia desacelera e a inflação afeta os bolsos.

Existem quatro questões principais que impulsionam as mudanças do sistema na cadeia de fornecimento de carne bovina nos Estados Unidos. Eles incluem mão de obra versus automação; alteração dos requisitos de embalagem; sustentabilidade e transporte.

Automação de mão de obra

Os salários aumentaram 33% e os que não aumentaram estão a caminho do mesmo nível em que os contratos de trabalho estão sendo negociados junto com os bônus de retenção. Além disso, devido à pandemia, houve uma alta taxa de absenteísmo que também está contribuindo para os custos trabalhistas e de processamento.

Os custos atingiram um ponto crítico, trazendo alta tecnologia e robótica para as plantas de processamento em um ritmo acelerado.

A introdução da automação nos frigoríficos provavelmente se concentrará na rastreabilidade, transferência em caixa, rotulagem e armazenamento de carne bovina, preenchimento de pedidos e empilhadeiras sem motorista. Os avanços de software para rastreamento de produtos, rastreabilidade e preenchimento de pedidos adicionarão uma grande eficiência. A automação também será aplicada na eficiência da planta e no monitoramento da planta para uso de energia e água. As plantas usarão a equipe de manutenção para verificar os indicadores de alerta antecipado de quebras do sistema. Sensores e câmeras serão usados para monitoramento para criar dados para ajudar a microgerenciar fluxos e operações de produtos. A transição para a automação exigirá diferentes conjuntos de habilidades ou treinamento extensivo e educação adicional para os funcionários existentes.

Alteração dos requisitos de embalagem versus gestão de resíduos e sustentabilidade

Os dias da carne coberta de celofane com bandeja de espuma estão chegando ao fim. Ele foi projetado para manter a carne com boa aparência por algumas horas e não para uma longa vida útil. O problema é que os prazos de validade mais longos estão se tornando necessários, especialmente devido às diferentes formas de compra da carne. Isso inclui serviços de refeições, serviços de entrega e quando os consumidores fazem uma compra de carne bovina – uma vez por semana ou algumas vezes por semana. Com as mudanças na forma como os consumidores obtêm seus mantimentos, os preços aumentam para manter a carne segura e saudável.

A sustentabilidade vai se tornar mais importante com o passar do tempo. As empresas estão sendo solicitadas a reduzir as emissões de gases de efeito estufa, capturar carbono e reduzir as emissões. As



empresas do setor de carne bovina estão sendo pressionadas a fornecer documentação das práticas de produção e mais auditorias e verificações de terceiros. Todos os custos de documentação somam-se a custos de produção mais elevados.

Transporte

De acordo com o relatório do Rabobank, os especialistas concordam em uma coisa no setor de transporte. Há muitas peças quebradas sem conserto fácil. Toda a rede de frete marítimo, ferroviário e rodoviário precisa ser consertada para modernizar o sistema.

O setor de caminhões foi reduzido em 30% devido à pandemia. Há uma escassez de 61.500 motoristas de longa distância. Mas os problemas não param por aí.

O sistema ferroviário dos EUA tem desafios e oportunidades. Embora as locomotivas sejam projetadas para durar 39 anos e os vagões durem 50 anos, há problemas com isso. O sistema ferroviário foi projetado para transportar mercadorias a granel por longas distâncias com eficiência. No entanto, os trens intermodais precisam ser desenvolvidos para que sejam mais rápidos, menores e mais eficientes e possam ser direcionados a mercados específicos.

E há os backlogs de portas que estão se mostrando problemáticos. Os consumidores ficaram presos em casa durante a pandemia e tiveram mais renda disponível. Isso significava que eles estavam fazendo compras on-line, que foram armazenadas nos portos. Agora, alguns portos querem instalar mais automação e os sindicatos temem que isso elimine alguns empregos.

O resultado

O Rabobank diz que existem três questões críticas na indústria de carne bovina em um mundo pós-COVID. O maior deles é que cada um dos desafios significa aumento de custos. A segunda questão é que o sistema deve permanecer operacional. Se não houver comida no supermercado, não haverá lucros.

O terceiro desafio é que os custos crescentes dentro da cadeia de fornecimento de carne bovina reduzem o spread de preços entre carne bovina e os produtos alternativos, aumentando o risco de competição de proteínas alternativas.

“À medida que os custos aumentam na cadeia de suprimentos, eles mudarão as proporções históricas de gado vivo para corte, bem como gado vivo para preços de carne bovina no varejo. À medida que os custos em toda a cadeia de suprimentos aumentam, os preços da carne no varejo provavelmente permanecerão altos do ponto de vista histórico. Para os criadores de gado, isso provavelmente significa que gado vivo para corte e gado vivo para preços de varejo não voltará às suas proporções históricas. Isso não significa preços mais baixos do gado. Isso significa que haverá mais fatores que os pecuaristas precisarão monitorar e estar cientes”, afirma o relatório do Rabobank.

FAO Los precios mundiales de los alimentos aumentan en enero

03/02/2022 Los aceites vegetales y los productos lácteos empujan al alza el índice de precios de los alimentos de la FAO

Roma – El indicador de los precios mundiales de los alimentos subió en enero, favorecido en gran medida por las limitaciones de la oferta de aceites vegetales, según ha comunicado hoy la Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura (FAO).

El índice de precios de los alimentos de la FAO registró en enero un promedio de 135,7 puntos, es decir, un 1,1 % más que en diciembre. El índice refleja la variación mensual de los precios internacionales de los productos alimenticios más comercializados.

El índice de precios de los aceites vegetales de la FAO lideró el repunte de enero, con un aumento intermensual del 4,2 % con el que revirtió el descenso de diciembre y alcanzó un máximo histórico. Aumentaron las cotizaciones de todos los aceites principales, respaldadas asimismo por la subida de los precios del petróleo crudo. Los precios del aceite de palma se vieron sostenidos fundamentalmente por la preocupación de una posible reducción de las disponibilidades exportables en Indonesia, el mayor exportador del mundo, mientras que los del aceite de soja se vieron respaldados por la solidez de las importaciones, especialmente en la India, los del aceite de colza subieron por la persistente escasez de la oferta, y las cotizaciones del aceite de girasol se vieron afectadas por la escasez de la oferta y la creciente demanda mundial de importaciones.

El Sr. Boubaker Ben-Belhassen, Director de la División de Mercados y Comercio de la FAO, refiriéndose al último aumento de los precios de los aceites vegetales, señaló: “La reducción de las disponibilidades exportables, sumada a otras limitaciones de la oferta, en especial la escasez de mano de obra y las condiciones meteorológicas adversas, en gran medida ha empujado al alza los precios de los aceites vegetales hasta alcanzar un máximo histórico. Resulta preocupante que las repercusiones de estas limitaciones no se disiparán con rapidez”.

El índice de precios de los productos lácteos de la FAO aumentó un 2,4 %, lo que constituye su quinto aumento mensual consecutivo; las subidas más pronunciadas correspondieron a la leche desnatada en polvo y la mantequilla. La reducción de las disponibilidades exportables en Europa occidental y las



expectativas de que la producción de leche en Oceanía en los próximos meses se mantenga en un nivel inferior al promedio contribuyeron a la contracción de los mercados mundiales de productos lácteos, al igual que las demoras en la elaboración y el transporte de la leche ligadas a la escasez de mano de obra relacionada con la enfermedad por coronavirus (COVID-19).

En enero el índice de precios de los cereales de la FAO aumentó ligeramente, un 0,1 %, respecto de diciembre. Los precios de exportación del maíz subieron un 3,8 % durante el mes, impulsados por la preocupación acerca de la persistente sequía en América del Sur, mientras que los precios mundiales del trigo bajaron un 3,1 % debido a las abundantes cosechas en la Argentina y Australia. El volumen menor de las cosechas y el nivel estable de las adquisiciones de compradores asiáticos llevaron a un aumento mensual del 3,1 % en los precios internacionales del arroz.

El índice de precios de la carne de la FAO aumentó ligeramente en enero, con los precios mundiales de la carne de bovino que alcanzaron un nuevo máximo cuando la demanda mundial de importaciones superó los suministros para la exportación, mientras que bajaron los precios de las carnes de ovino y aves de corral al ser superiores los suministros exportables a la demanda de importación. Las cotizaciones de la carne de cerdo subieron ligeramente, en parte debido a que los elevados costos de los insumos redujeran la oferta mundial.

El índice de precios del azúcar de la FAO fue el único subíndice que registró un descenso en enero, con un 3,1 % menos que el mes anterior a raíz de unas perspectivas favorables para la producción en los principales países exportadores —la India y Tailandia—, así como del aumento de las precipitaciones y la bajada de los precios del etanol en el Brasil.

Nuevos pronósticos para los cereales

La FAO actualizó asimismo su estimación relativa a la producción mundial de cereales en 2021, que ahora se ubica en 2 793 millones de toneladas, un 0,8 % más que en el año anterior.

Se estima que la producción mundial de trigo en 2021 se sitúa a la par con la de 2020, mientras que la producción de cereales secundarios será un 1,3 % más abundante y la de arroz aumentará un 0,7 %, de acuerdo con la última Nota informativa de la FAO sobre la oferta y la demanda de cereales, publicada también hoy.

Para 2022, se prevé una ampliación de las plantaciones de trigo a escala mundial, impulsada por unas condiciones meteorológicas por lo general favorables en el hemisferio norte, aunque los elevados costos de los insumos podrían desalentar una ampliación mayor. Las perspectivas para el maíz son halagüeñas, ya que los precios elevados apuntan a una siembra sin precedentes en la Argentina y el Brasil.

Se estima que la utilización mundial de cereales en 2021/22 aumentará un 1,6 % interanual, lo que apunta a una probable disminución de la relación entre las reservas y la utilización de cereales a escala mundial, que se ubicaría en un 28,7 %, manteniéndose en un nivel ligeramente inferior al del año anterior, pero aun así desahogado desde una perspectiva histórica.

El último pronóstico de la FAO sobre el comercio mundial de cereales en 2021/22 asciende a 481 millones de toneladas, lo cual representa un aumento del 0,4 % respecto del ejercicio comercial anterior y un nivel sin precedentes. Esto obedece a las expectativas de un aumento del 2,0 % en el comercio mundial de trigo y de casi el 4,0 % en el volumen de arroz comercializado a nivel mundial, lo cual compensa con creces la contracción del 1,5 % prevista para los cereales secundarios.

CHINA

Proteínas obtenidas en laboratorio ingresan a plan quinquenal para la alimentación

El Instituto de Recursos Mundiales predice que la demanda mundial de carne podría casi duplicarse para 2050 y el consumo de carne está aumentando en China

31/01/2022

China ha incluido carne cultivada y otros "alimentos futuros" en su plan agrícola de cinco años por primera vez en la historia. Según Mirte Gosker, directora gerente interina de The Good Food Institute APAC, es importante a nivel internacional que China haya incluido esta nueva tecnología "revolucionaria" en el plan. Muestra que planean invertir en la investigación científica en torno a la carne cultivada tal como ya lo han hecho para la energía limpia.

"Será prudente que otras naciones sigan el ejemplo de China invirtiendo en esta forma más inteligente de hacer carne antes de que se queden atrás", dijo a Vegeconomist.

El Instituto de Recursos Mundiales predice que la demanda mundial de carne podría casi duplicarse para 2050 y el consumo de carne está aumentando en China. Pero el abastecimiento alimentario también es una preocupación creciente para los 1.400 millones de habitantes del país.

Pero, según The Good Food Institute, las alternativas a base de plantas no son populares en el país. La organización dice que no cumplen con las expectativas de sabor o textura y se necesita más inversión en productos que "puedan atraer a los paladares famosos y exigentes de los consumidores chinos".



Ahí es donde las carnes cultivadas vienen con evidencia que sugiere que los consumidores chinos aceptarían más esta forma alternativa de proteína. Según una investigación de mercado reciente, casi el 90 por ciento dijo que estaría dispuesto a intentarlo.

BRASIL

Mercado ganadero estable en las últimas tres semanas

03/02/2022

O macho terminado sai a R\$ 337/@ em SP, enquanto a vaca e a novilha seguem valendo, respectivamente, R\$ 303/@ e R\$ 325/@, informa a Scot Consultoria

Mais um dia de morosidade nos balcões de negócios envolvendo o mercado pecuário brasileiro.

Nas praças do interior de São Paulo, segundo dados apurados pela Scot Consultoria, os preços da arroba do boi gordo ficaram estáveis nesta quinta-feira (3/2), refletindo o alongamento das escalas de abate dos frigoríficos locais e o ritmo acelerado das exportações da carne bovina, além da oferta restrita de animais terminados (o que dificulta as negociações entre as indústrias e os pecuaristas).

Com isso, o macho pronto para abater é negociado a R\$ 337/@ no mercado paulista, enquanto a vaca e a novilha seguem valendo, respectivamente, R\$ 303/@ e R\$ 325/@ (preços brutos e a prazo), de acordo com dados da Scot.

Segundo apurou a zootecnista Thayná Drugowick, o período de estabilidade nas cotações do boi gordo nas praças de São Paulo já dura 23 dias corridos.

De acordo com levantamento feito pela IHS Markit, as regiões Sudeste e Sul do País, bem como algumas partes dos Estados do Centro-Oeste (MT, MS e GO), seguem com limitações severas na oferta de animais terminados.

“Há indícios que essa escassez comece a afetar a dinâmica da cadeia produtiva para exportação”, afirma os analistas da IHS.

Para garantir margens mais remuneradoras, os frigoríficos dessas regiões direcionam o foco para o mercado externo, já que o escoamento da carne bovina no mercado doméstico segue patinando.

Nas operações envolvendo o mercado interno, muitas indústrias seguem atentas às ofertas de fêmeas gordas, mais baratas que os machos.

Na praça de Dourados-MS, a arroba da vaca recuou de R\$ 300 para R\$ 290 nesta quinta-feira, informa a IHS. Em Campo Grande-MS, o preço da fêmea terminada também caiu, de R\$ 300/@ para R\$ 295/@.

Por sua vez, há relatos de que indústrias já chegam a oferecer pela compra de lotes de novilha padrão-exportação preços similares aos do boi gordo, ultrapassando em certos pontos o teto virtual de R\$ 315/@, relata a consultoria.

Na região Norte do País, a oferta de animais para abate é um pouco melhor, observam os analistas da IHS.

Com isso, em algumas praças, os preços do boi gordo recuaram nesta quinta-feira.

Na região de Tocantins, na praça de Araguaína, os preços da arroba tiveram queda de R\$ 3/@ no dia de hoje, para R\$ 290, segundo a IHS.

Em Gurupi, o recuo do animal terminado foi de R\$ 2/@, ficando em R\$ 289/@.

“Essas oscilações não refletem necessariamente pressão baixista significativa, mas alguns ajustes pontuais”, pondera a IHS.

Exportações – Outro fator que deve interferir na dinâmica do mercado do boi gordo é a possibilidade de um avanço mais forte das importações de carne bovina brasileira por parte da China.

A IHS Markit relembra que o país asiático sediará a Olimpíada de Inverno, com abertura marcada para amanhã (sexta-feira), em Pequim.

“O evento, que receberá milhões de turistas, deve pressionar os estoques nacionais e elevar as compras de carne bovina nas próximas semanas”, acreditam os analistas da IHS.

Em janeiro último, os embarques brasileiros de carne bovina in natura totalizaram 140,54 mil toneladas, o que significou um patamar histórico para o mês; Esse volume foi 30,9% superior ao registrado no mesmo período do ano passado e 20,1% maior que o recorde histórico alcançado em janeiro de 2020.

No mercado atacadista, os preços dos cortes de carne bovina também seguem estáveis, e a demanda interna continua desaquecida.

No entanto, com a entrada dos salários nas contas dos trabalhadores, as indústrias apostam em reação do consumo de carne vermelha, o que pode impactar os preços do atacado no curto prazo.

São Paulo se prepara para ser rotulado como “zona livre de Febre Aftosa sin vacunación

O decreto estadual está programado para ser publicado no dia 23 de fevereiro.



Segundo a IHS, este fator traz grandes preocupações para os pecuaristas paulistas, ao passo que o Estado não é um grande produtor de bezerras, e grande parte dos animais para recria e engorda são advindo do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Minas Gerais, regiões que ainda não possuem a certificação das organizações de controle de epizootias.

A grande dúvida do mercado, relatam os analistas da IHS, é saber como o novo selo (de “zona livre de febre aftosa sem vacinação”) deverá impactar a produção pecuária de São Paulo, uma vez que o Estado é o principal exportador de carne bovina, juntamente com o Mato Grosso.

Exportaciones de carnes bovinas: récords en enero. China las incrementó en 30%

02/02/2022

Embarques brasileiros chegam a 140,54 mil toneladas no mês passado, o que significou elevação de 30,95% sobre o resultado obtido em igual período de 2021, informa a consultoria Agrifatto

As exportações de carne bovina in natura em janeiro/22 superaram o recorde histórico para o mês, consolidando 140,54 mil toneladas, o que significou elevação de 30,95% sobre o resultado obtido em igual período de 2021, de 107,33 mil toneladas, informa a consultoria Agrifatto, com base nos dados da Secretaria de Comércio Exterior (Secex).

O preço médio mensal pago pela tonelada ficou em US\$ 5,18 mil/tonelada, um avanço de quase 15% sobre o valor médio registrado no mesmo período do ano passado, de US\$ 4,5 mil/tonelada.

Com isso, as vendas externas da proteína vermelha geraram uma receita de US\$ 727,74 milhões em jan/22, montante 50% superior ao arrecadado em jan/21, de acordo com a Agrifatto.

2 de fevereiro de 2022

Com a retomada das compras da China, as exportações de carne bovina do Brasil saltaram em janeiro. De acordo com a Secretaria de Comércio Exterior (Secex), no mês passado, foram exportadas 140,5 mil toneladas da proteína in natura, um avanço de 31% no comparativo anual.

“O embargo à carne brasileira trouxe provavelmente uma queda nos estoques chineses, e com a chegada do ano novo lunar, eles precisaram recomprar os estoques. Neste momento, a China volta a um patamar significativo nas importações”, destaca João Pedro Thieme, analista da Ag Resource Brasil.

Ainda na avaliação do especialista, o volume de carne bovina embarcada tem espaço para crescer ainda mais e chegar próximo dos patamares observados no ano passado, quando o país embarcou até 187 mil toneladas ao país asiático.

Real se apreció al cierre del mes de enero

Lygia Pimentel 31 de janeiro de 2022 Categorias: Notícias Comentários: 0

O dólar passou a cair depois de abrir em alta contra o real nesta segunda-feira, em início de semana marcada por decisões de política monetária no Brasil e na Europa, e caminhava para fechar o primeiro mês de 2022 com fortes perdas.

Às 9:08 (de Brasília), o dólar à vista recuava 0,15%, a 5,3833 reais na venda.

Na B3, às 9:08 (de Brasília), o contrato de dólar futuro de primeiro vencimento subia 0,26%, a 5,3830 reais.

Na última sessão, na sexta-feira, a moeda norte-americana recuou 0,61%, a 5,3915 reais, menor valor desde 1º de outubro de 2021 (5,3696 reais).

O Banco Central fará neste pregão leilão de até 15 mil contratos de swap cambial tradicional para rolagem do vencimento de 1º de abril de 2022.

URUGUAY

Lluvia le cambió la cara al mercado de haciendas: escasea la oferta

03/02/2022

El mercado de hacienda gorda viene con mucha firmeza y, más allá de los buenos números de la exportación con valores promedios récord por tonelada y los volúmenes de colocación, las lluvias han hecho lo suyo y los ganados van cambiando poco a poco su terminación.

Federico Rodríguez Dos Santos, director del escritorio Federico Rodríguez, hizo referencia a que la oferta del mercado gordo es escasa y la gente, sin grandes especulaciones, tiene la posibilidad de ponerle algún kilos más con un stock de forraje que se recuperó rápidamente en estos 20 días.

“El mercado está con menor oferta, porque la gente opta por poner algún kilo más para terminar mejor los ganados. En definitiva, es algo bueno para la industria, porque los ganados con mejor terminación son mejores rendimientos”, dijo en Valor Agregado de radio Carve.

A modo de referencia, el consignatario informó que el novillo cotiza de US\$ 4,40 a US\$ 4,45; la vaca US\$ 4,15 y las vaquillonas US\$ 4,25.



“Hay mucha demanda, hay pedidos, entradas rápidas, está dinámico el mercado. No tengo dudas de que va a seguir así en la medida que las lluvias en febrero acompañen como en enero”, señaló.

En la reposición también hay menor oferta, “después de las lluvias cambió bastante el panorama”, dijo.

“Unos 10 días atrás el mercado estaba más ofertado, bastante más vendedor, pero esta semana la oferta desapareció”, aseguró.

En ese sentido, Rodríguez estimó que será un año que tendrá menos oferta: “Va a costar más conseguir la oferta de reposición. Si las cosas siguen en este camino, hablando de precios de insumos y la estructura de costos, los valores deberían seguir en este eje por lo que la puja por ganado de reposición va a seguir siendo buena. Esa diferencia va a ser mayor

Aumenta precio de la carne en el mercado interno

28/01/2022 Por firmeza en el mercado ganadero y aumento de la carne importada

Por un aumento en el precio de la carne importada de Brasil que retomó su exportación a China y la firmeza del mercado de haciendas nacional, el precio de la carne ajustó, en promedio, unos \$ 10.

A propósito, Jorge López, director de abasto Santa Clara, hizo referencia a que desde octubre no se tocaba el precio de la carne sin hueso, y desde noviembre la con hueso.

“Sabíamos que por la carne importada de Brasil y el precio de la hacienda íbamos a tener este ajuste que se fue dilatando, pero ya era insostenible”, comentó.

Brasil retomó en diciembre exportaciones a China e hizo que los valores volvieran a los niveles anteriores a los del conflicto. “Tenía que haber sido antes la suba porque teníamos stocks, pero nos fuimos comiendo los stocks”, agregó.

Al momento hay poca oferta y precios firmes. No hay una oferta fluida, pero tampoco falta carne, sin embargo hay cierta preocupación al respecto.

Consumo. El consumo venía muy bien, sostuvo López. Con el aumento de los casos de covid en la segunda quincena (que de por sí ya es más tranquila) se cerrará un mes de enero “bueno”, por lo excepcional que fue la primera quincena.

“Otra vez nos sacudió un poco la pandemia. Vamos a cerrar un mes medianamente bueno cuando pudo haber sido muy bueno”, indicó.

No para: exportaciones de carne vacuna a China treparon 47% interanual en enero

por Cecilia Ferreira febrero 2, 2022

China se mantiene como el propulsor de las exportaciones de la carne vacuna de Uruguay, que en enero sumaron 33.326 toneladas por US\$ 215,35 millones, de acuerdo a datos de Aduanas. De ese total el 65% fue para el país asiático.

El mes pasado los envíos de carne vacuna al exterior dieron un salto de 26% en volumen frente a las 26.478 toneladas exportadas en enero de 2020 y treparon 66 % en valor comparado con los US\$ 129,4 millones de un año atrás.

Si se observa por destinos, 25.283 toneladas fueron para China por un valor de US\$ 150,4 millones. Una participación de 65% en volumen y 55% en valor.

Este país sigue en una suba vertiginosa, con un salto de 47% en la cantidad de carne enviada comparado con las 17.206 del año anterior. Y más que duplicando la facturación frente a los US\$ 71.586 millones en enero de 2020.

Lejos en segundo lugar se ubicó EEUU con 2.244 toneladas por US\$ 17,2 millones. Y en tercer lugar Israel, con 1.382 toneladas por US\$ 10 millones.

La carne congelada tuvo la mayor participación, 92%, y carne enfriada 8%.

Egipto rehabilitó 23 establecimientos de faena, 15 son de bovinos

El gobierno de la República Árabe de Egipto confirmó al Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca (MGAP) la rehabilitación de su mercado para carne bovina, ovina y aviar. Todas las plantas de faena propuestas por la secretaría de Estado fueron aceptadas y rehabilitadas, tras la auditoría cumplida en noviembre de 2021.

La delegación egipcia revisó en ese entonces 23 establecimientos de faena, 15 de los cuales faenan bovinos, 7 bovinos y ovinos y una planta se dedica a la faena y procesamiento de aves.

Según confirmó el MGAP, la renovación es resultado de un intenso trabajo que se realizó entre técnicos de la Dirección General de los Servicios Ganaderos y las autoridades sanitarias y religiosas del país africano así como también los equipos de cancillería de ambos países. Es una renovación de la confianza mutua entre ambas naciones y del relacionamiento comercial.

Es un destino para carne con rito Halal (para el mercado musulmán), porque entre 82% y 93% de su población es de religión musulmana. Uruguay no tiene problemas con la certificación de los productos. Es que está instalada localmente la certificadora Is Eg Halal, empresa es reconocida por el gobierno egipcio



como la única institución en Uruguay con aval para certificar la carne Halal con destino a Egipto. Tiene la certificación Halal para todos los países del Mercosur.

En marzo de 2021, la exportadora Mirasco realizó algunos embarques de cortes de carne bovina uruguaya premium (carne Angus) y grasa bovina hacia Egipto, reabriendo este mercado que había quedado fuera del alcance de Uruguay en 2012, cuando debido a la falta de certificación del rito Halal, debió dejar de exportarle.

La meta de Mirasco es trabajar con este destino carne de altísima calidad para abastecer un segmento del mercado de mayor potencial. Incluso hubo interés en carne ovina, pero no se pudieron concretar negocios debido a los precios que salió a pagar China y a su demanda.

En el 2020 la República Árabe de Egipto importó alrededor de 350.000 toneladas de carne bovina, como consecuencia de un incremento de la demanda de este producto, debido a la mayor población y por un fortalecimiento de la libra egipcia conjuntamente con el acceso a la moneda extranjera

Fiebre Aftosa creación del Banco Regional de Antígenos y Vacunas

Pablo Antúnez Por Pablo Antúnez, 03/02/2022 Fue uno de los temas de la reunión virtual del Comité Veterinario Permanente que finalizó hoy

Uruguay traspasó hoy la presidencia del Comité Veterinario Permanente (CVP) a Argentina, que dirigirá esta institución, compuesta por los máximos responsables de los Servicios Oficiales de la sanidad animal e inocuidad de los alimentos de origen animal de Argentina, Bolivia, Brasil, Chile, Paraguay y Uruguay.

Se creó por resolución de los Ministros de Agricultura en la reunión constitutiva del Consejo Agropecuario de Sur (CAS) del 31 de Mayo de 2003 como grupo de apoyo regional en los temas de sanidad animal.

En el encuentro virtual de miércoles y jueves, los jefes de los servicios sanitarios regionales hicieron un repaso de todo lo actuado durante el año pasado y se continuó avanzando en la instrumentación del Banco de Vacunas y Antígenos contra Fiebre Aftosa (Banvanco), que será dirigido por el Centro Panamericano de Fiebre Aftosa (Panaftosa).

El banco regional es un proyecto perteneciente a los países miembros del CVP, que tiene como objetivo la constitución en la región de un banco de antígenos y vacunas como una reserva estratégica de concentrado de antígeno viral congelado de serotipos virales específicos.

Eso posibilitará que ante la eventual aparición de una cepa desconocida en la región, un laboratorio puede formular rápidamente una vacuna en caso de un brote de enfermedad. La iniciativa garantizará el acceso a vacunas de alta calidad al precio más bajo y promueve la disponibilidad rápida y equitativa de vacunas en una emergencia sanitaria.

Posición. En la reunión de la Comisión Sudamericana de Lucha contra la Fiebre Aftosa (Cosalfa) celebrada en Rio de Janeiro en diciembre de 2021, los países habían quedado en llevar una postura sobre su adhesión al Banvanco.

“Paraguay ya firmó y confirmó su adhesión. Chile y Bolivia que también está de acuerdo, tienen cambio de gobierno y deberán reconfirmar su postura. En Brasil, los equipos sanitarios oficiales están de acuerdo, pero esa decisión tiene que ser refrendada por el Parlamento y están cumpliendo con ese trámite. Uruguay está de acuerdo en ser parte de ese banco regional”, explicó el titular de la Dirección General de los Servicios Ganaderos, Dr. Diego De Freitas, que hasta ahora presidía el CVP.

Para que el Banvanco comience a funcionar, se precisa la adhesión de tres países, pero cuanto más se integren, menos recursos económicos tendrán que poner.

“Propuse que cada país comience a trabajar en los aspectos técnicos. Hay que ver cuáles son los fondos que se deben aportar para el funcionamiento básico y empezar a trabajar en lo que tiene relación con la cepas que cada país encargará”, explicó De Freitas. Cuando cada país haya determinado su postura definitiva, se realizará un nuevo encuentro formal para fundar el Bovanco.

En paralelo, la región continúa trabajando en la vigilancia epidemiológica para mantener alejada a la fiebre aftosa y en la cooperación técnica para fortalecer la sanidad.

Industria frigorífica cerró el año con la menor morosidad desde 2019

por Cecilia Ferreirafebrero 2, 2022

En diciembre el monto de créditos vencidos de la industria frigorífica con el sistema bancario fue de US\$ 550.000, el más bajo registrado desde agosto de 2019.

La cifra muestra un descenso marcado de 84% frente a los US\$ 3,36 millones de noviembre y quedó lejos por debajo de los US\$ 17,80 millones de diciembre de 2020.

En 2021 los créditos vencidos mostraron un promedio mensual de US\$ 9,96 millones, casi 34% menos que los US\$ 15 millones de 2020. En 2019 fue de US\$ 2,88 millones.

Los créditos vigentes también mostraron un descenso en diciembre con US\$ 286 millones, una caída mensual de 6% y de 14% interanual.



Sin embargo, el promedio mensual de créditos vigentes en 2021 fue el más alto desde que hay registros (2005): US\$ 322,3 millones, por encima de los US\$ 319,8 millones de 2020.

PARAGUAY

Aumenta la disparidad de precios entre plantas, pero el mercado del gordo continúa firme

01/02/2022 GANADERÍA

El mercado de haciendas gordas para la exportación de carne se mantiene con precios firmes, incluso con algunas plantas actualizando al alza las referencias de compra y aumentando la disparidad de precios entre frigoríficos. Un operador del mercado comentó a Valor Agro que las entradas a las industrias están cortas, “la mayoría con ingresos de animales para los primeros días de la próxima semana”. Dijo que hay caminos anegados por las lluvias de los últimos días, lo que baja el volumen de oferta; además aseguró que las previsiones de más precipitaciones favorecen a los productores. Un industrial informó a Valor Agro que están comprando machos a US\$ 3,70 por kilo carcasa, mientras que a las vaquillas las ubicó en US\$ 3,65 y a las vacas en US\$ 3,40 a la carne. Al mismo tiempo, otros dos ejecutivos de empresas frigoríficas señalaron que están comprando novillos y toros a US\$ 3,60 y 3,65, respectivamente. Finalmente, el operador consultado confirmó la variabilidad de precios en el mercado, y proyectó semanas con demanda de hacienda y valores en aumento.

Precio promedio de la tonelada de carne exportada aumentó 19,7% en enero

02/02/2022 GANADERÍA

En enero, el valor medio de la tonelada de carne exportada de Paraguay se posicionó en US\$ 5.220, una valorización del 19,7% en comparación a los US\$ 4.360 registrados en el mismo mes del año pasado, según datos del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa). Aunque el volumen de carne colocada al mundo bajó 1,4% con 21.073 toneladas, la facturación creció 18,2% con ingresos por 110 millones de dólares. De los 25 mercados negociados, el 80,6% de la carne se concentró en los principales cinco destinos: Chile, Rusia, Taiwán, Israel y Brasil. Los cinco países pagaron más por el producto paraguayo. Al mercado chileno se exportaron 7.566 toneladas a un precio promedio de US\$ 5.447 por tonelada, una valorización del 19,7%. Rusia llevó 4.398 toneladas a US\$ 3.697 (+ 5%), Taiwán 2.884 toneladas a US\$ 5.560 (+ 13,1%), Israel 2.453 toneladas a US\$ 6.149 (+ 7,1%) y Brasil 2.148 toneladas a US\$ 5.756 (+ 33,3%).

Unión Europea ratifica cupo de la cuota Hilton para Paraguay

29 de enero de 2022 12:32 PM Imprimir

El Ministerio de Relaciones Exteriores informó que la Unión Europea (UE) ratificó este viernes a Paraguay el cupo de exportación de 1.000 toneladas de carne vacuna de alta calidad de la cuota Hilton. La resolución fue divulgada a través del Reglamento (UE) 2022/111 del Parlamento Europeo y del Consejo, de fecha 25 de enero del [...]

El Ministerio de Relaciones Exteriores informó que la Unión Europea (UE) ratificó este viernes a Paraguay el cupo de exportación de 1.000 toneladas de carne vacuna de alta calidad de la cuota Hilton. La resolución fue divulgada a través del Reglamento (UE) 2022/111 del Parlamento Europeo y del Consejo, de fecha 25 de enero del 2022, por el cual se modifica el Reglamento (UE) 2019/216 en lo que respecta al contingente arancelario de carne bovina de calidad superior, fresca, refrigerada o congelada originaria de Paraguay, comúnmente conocido como cuota Hilton, informó la Cancillería.

“Con esta publicación concluye el procedimiento por el cual la Unión Europea confirma, luego del proceso del Brexit, la cuota europea de 1.000 toneladas de carne de alta calidad otorgada al Paraguay”, destacó la fuente.

Las autoridades paraguayas ya venían negociando esa ratificación en los últimos años ante la posibilidad de que la UE redujera su cupo a Paraguay tras la salida de Gran Bretaña del bloque regional europeo, que se concretó el 31 de enero del 2020 y que se conoce con el nombre de Brexit.

Al respecto, el presidente del Servicio Nacional de Calidad y Salud Animal (Senacsa), José Carlos Martín Campercholi, dijo a La Nación que esa ratificación es el resultado de un gran trabajo de la Cancillería y, por sobre todo, demuestra la confianza hacia el sector cárnico de nuestro país.

“Creo que es una línea importante de la UE y es una confianza y un compromiso que tiene que tener el sector productivo para poder mantener estos niveles de cumplimiento de esta cuota y así el día de mañana también solicitar más”, mencionó.

En ese sentido, mencionó que Paraguay está trabajando en la cuota 481, que es otra cuota de exportación de carne bovina de alta calidad de la Unión Europea que podría concretarse este año.



En sintonía, Fernando Serrati, presidente de la Asociación Paraguaya de Productores y Exportadores de Carne (APPEC), expresó a La Nación que de alguna manera podría considerarse como un triunfo la ratificación de la cuota Hilton, aunque recordó que representa un cupo mínimo para el país.

Según estadísticas del Senacsa, Paraguay cerró el 2021 con un récord histórico de exportación de carne bovina de más de 326.700 toneladas, por un valor de 1.598 millones de dólares.

UNIÓN EUROPEA

Rabobank espera una ligera contracción en la producción de carne de cerdo en Europa en 2022

Eurocarne 31/01/2022

En 2022, Rabobank espera que la producción de carne de cerdo en los 27 países de la UE y el Reino Unido se reduzca al menos un 0,5% en comparación con el año pasado

En uno de sus últimos informes, Rabobank estima que se va a producir una ligera contracción en la producción de carne de cerdo en Europa en 2022. Las presiones sobre los precios se mantendrán en la primera mitad de 2022, pero el aumento de la demanda de China puede proporcionar cierto alivio en la segunda mitad del año.

Debido a un exceso de oferta en el mercado europeo de carne de cerdo, el precio de venta ha estado bajo presión durante más de seis meses. Actualmente solo hay señales limitadas para la recuperación. La cadena de producción estable de carne de cerdo en la UE depende en gran medida de las exportaciones y, según Rabobank, ahora tiene dificultades para anticipar la demanda altamente fluctuante. Hasta ahora, los ajustes de los volúmenes de producción han sido relativamente limitados y los ajustes importantes toman tiempo.

A pesar de la desaceleración del crecimiento de la producción en la segunda mitad de 2021, la producción de carne de cerdo en los 27 países de la UE y el Reino Unido (UK) aumentó un 2% en el período de enero a octubre de 2021 en comparación con el mismo período del año pasado. La producción en Alemania disminuyó un 2,7%, pero se vio compensada por un aumento de la producción en Dinamarca del 8,6%, en los Países Bajos del 4,7%, en España del 3,2%, en Italia del 5,5% y en Polonia del 1,2%.

En 2022, Rabobank espera que la producción de carne de cerdo en los 27 países de la UE y el Reino Unido se reduzca al menos un 0,5% en comparación con el año pasado. Esto es necesario para restablecer el equilibrio del mercado europeo.

Datos recientes muestran que el rebaño de cerdas en Dinamarca disminuyó un 2% interanual en octubre de 2021. El número de cerdas alemanas cayó un 7% interanual en noviembre de 2021. En el período de 2016 a 2020, disminuyó en un promedio del 3% por año. La aceleración en la disminución del número de cerdas probablemente se deba a la desafiante situación del mercado causada por los brotes de peste porcina africana (PPA) en el país.

En cuanto a las exportaciones de los 27 países de la UE y el Reino Unido, aumentaron un 2% en el período de enero a octubre de 2021 en comparación con el mismo período del año pasado. A pesar de esto, las exportaciones han caído considerablemente desde junio de 2021. Las exportaciones de carne de cerdo a China han estado disminuyendo desde abril de 2021. En el período de enero a octubre de 2021, se exportó un 56% menos de carne de cerdo a China desde los 27 países de la UE y el Reino Unido en comparación con el mismo período del año pasado.

La carne de cerdo de Brasil crea más competencia para los países europeos, especialmente para España. La participación de la carne de cerdo brasileña en las importaciones de China ha aumentado considerablemente en los últimos meses, mientras que la participación de España ha disminuido. En enero todavía era del 32%, pero en octubre ahora es del 25%.

Después de un repunte temporal en el cuarto trimestre de 2021, los precios del cerdo en China han vuelto a caer por debajo del costo en las últimas semanas. Esto indica que la baja demanda de carne de cerdo continuará en el primer trimestre de 2022. Varios factores están contribuyendo a una demanda más baja de lo habitual durante la temporada navideña china, incluidos los bloqueos regionales relacionados con la pandemia de coronavirus, las medidas de cuarentena a nivel nacional y la solicitud de los gobiernos locales de no viajar durante el Año Nuevo chino.

Rabobank espera un mayor crecimiento en la producción de carne de cerdo en China en 2022, pero menos que en 2021. Este crecimiento se debe principalmente a la mejora de la productividad en la cabaña porcina. Para la segunda mitad de 2022, el banco espera que la demanda de carne de cerdo se recupere gradualmente, lo que conducirá a un aumento de las importaciones. Aún así, se espera que las importaciones de carne de cerdo de China caigan entre un 10 y un 25% o entre 0,4 y 1,2 millones de toneladas en 2022 en comparación con 2021.

Tras un ligero aumento a finales de 2021, el precio medio de la canal del cerdo en la UE se ha vuelto a estabilizar. En la última semana de 2021, el precio promedio de la canal fue un 4% inferior al promedio de cinco años. Los analistas del banco esperan que los precios permanezcan bajo presión en el primer



trimestre de 2022, ya que la oferta debe disminuir para mejorar los precios. Rabobank espera que los bajos precios de venta, junto con los altos costos de alimentación, ejerzan presión sobre los márgenes en los próximos meses. Dada la escasa oferta de trigo, esperamos que el precio mundial del trigo aumente ligeramente en la primera mitad de 2022.

La mayor producción de carne de cerdo en los 27 países de la UE y el Reino Unido (estimada en un aumento del 1 por ciento desde 2020) y las menores exportaciones en 2021 (estimadas en una disminución del 3 por ciento desde 2020) agregaron 400,000 toneladas adicionales de carne de cerdo para el consumo interno.

Los 8 países productores más grandes suministraron alrededor de 21 millones de toneladas de carne de cerdo en 2021, el 87 por ciento de la producción total de carne de cerdo en los 27 países de la UE y el Reino Unido. Los Países Bajos representaron 1,7 millones de toneladas. Si la producción de carne de cerdo holandesa cayera un 5 por ciento, eso significaría 85.000 toneladas menos de carne de cerdo en el mercado europeo.

Por lo tanto, está claro que para reducir el exceso de oferta, se debe realizar una reducción de la oferta en toda la UE. Hay señales de que el número de cerdas ya está disminuyendo en países de gran producción como Alemania, Dinamarca y el Reino Unido. Sin embargo, las exportaciones de carne de cerdo de los 27 países de la UE y el Reino Unido pueden seguir disminuyendo.

Por lo tanto, la oferta seguirá siendo más generosa en 2022, pero la creciente demanda de importaciones de China puede aliviar la presión sobre los precios en la segunda mitad del año.

La UE estrena normas para limitar el uso de antibióticos en animales

29 de enero de 2022 12:07 PM Imprimir

La Unión Europea (UE) ha comenzado a aplicar este viernes una nueva legislación para promover la salud animal y combatir la resistencia antimicrobiana, a través de la limitación del uso de los antibióticos para animales.

La legislación revisada sobre medicamentos veterinarios, adoptada hace tres años, prevé una serie de medidas para luchar contra ese problema y promover un uso prudente y responsable de los antimicrobianos en el ganado.

«En la estrategia ‘De la granja a la mesa’, nos hemos fijado un objetivo ambicioso: reducir a la mitad la venta de antibióticos en la UE para animales de granja y acuicultura para 2030”, recordó la comisaria europea de Sanidad y Seguridad Alimentaria, Stella Kyriakides, en un comunicado. Dos veterinarias trabajando con ganado vacuno. EFE/Archivo. Carlos García.

Las nuevas reglas garantizarán que los tratamientos antimicrobianos para animales se administran solo cuando exista una necesidad real.

Junto con la nueva legislación sobre piensos medicados, que prohibirá el uso preventivo y limitará las prescripciones de antibióticos en los piensos medicados, las nuevas normas fortalecerán la lucha contra la resistencia antimicrobiana.

Aplicación nacional

«Animo a todos los Estados miembros a que se aseguren de que se ponen en marcha las medidas y los recursos adecuados para garantizar el pleno funcionamiento de la legislación sobre el terreno a nivel nacional y hacer que su aplicación sea un éxito común», dijo la comisaria.

Además, las nuevas normas reforzarán la acción de la UE para luchar contra la resistencia a los antimicrobianos.

En particular, el Reglamento prevé una amplia gama de medidas para luchar contra ese problema y promover un uso prudente y responsable de los antimicrobianos en los animales, incluida la prohibición del uso preventivo de antibióticos en grupos de animales.

También incluye una prohibición reforzada del uso de antimicrobianos para promover el crecimiento y aumentar el rendimiento.

Alrededor de 1,27 millones de personas murieron en 2019 en el mundo por infecciones bacterianas comunes que se han convertido en resistentes a los antibióticos

La legislación refuerza asimismo el papel de liderazgo de la UE a nivel global para actuar contra el problema.

En particular, las nuevas normas proporcionarán un nuevo marco «innovador y adecuado para los medicamentos animales y darán incentivos para estimular la innovación y aumentar su disponibilidad».

Alrededor de 1,27 millones de personas murieron en 2019 en el mundo por infecciones bacterianas comunes que se han convertido en resistentes a los antibióticos, según un estudio publicado este jueves por «The Lancet».

Los autores advierten de que la resistencia a los antibióticos de bacterias causantes de infecciones como la neumonía u otras de la sangre o intraabdominales (derivadas por ejemplo de la apendicitis) provoca ahora más fallecimientos anuales que el sida y la malaria.



ALEMANIA esperará una solución común para implementar etiquetado origen de la carne

31/01/2022 El Ministerio Federal de Agricultura inicialmente no iniciará ninguna iniciativa legislativa para un etiquetado nacional de origen de productos animales. La secretaria de Estado, Silvia Bender, lo justificó en un evento organizado por la Asociación Alemana de Agricultores (DBV) sobre el tema de la mención al tipo de cría en las etiquetas y el etiquetado de origen, decisivo para el desarrollo de la cría de animales con problemas legales de la UE sin resolver en caso de una solución nacional. Bender se refirió al anuncio de Bruselas de que las propuestas para una indicación de origen en toda la UE se presentarían a finales de este año. "Esperaremos y veremos y nos involucraremos intensamente en las consultas", dijo Bender.

Sin embargo, el gobierno federal está acelerando el etiquetado de la crianza. Un proyecto de ley debería estar listo antes de las vacaciones de verano. Proporcionará el etiquetado de cría obligatorio para los productos animales de Alemania. El etiquetado estará disponible para los productos extranjeros que se ofrecen en el mercado local.

Bender enfatizó la necesidad de financiamiento gubernamental para la reestructuración de la ganadería. Un proyecto central de este gobierno federal no tendrá éxito sin el apoyo de los agricultores, según Bender. Esto implica tanto la promoción de inversiones estables en construcción como la recompensa de servicios adicionales para el bienestar animal. Bender se refirió a las soluciones fiscales propuestas por la Comisión Borchert y describió un aumento en la tasa reducida del IVA sobre productos animales como la forma más fácil de implementar. Al mismo tiempo, sin embargo, también mencionó la financiación del Fondo de Energía y Clima (EKF) del Gobierno Federal, que se utilizará para apoyar específicamente los procesos de transformación en la economía en el futuro.

ESTADOS UNIDOS

Rodeo bovino: baja stock de hembras 2 por ciento. Sus implicancias

01 February 2022 Beef prices set to rise further

The United States has the fewest beef cows in seven years, the US Department of Agriculture (USDA) said on Monday, signalling that high meat prices will continue to rise, reported Reuters.

Ranchers increasingly sent cows to slaughter last year, rather than keeping them to reproduce, as dry weather reduced the amount of pasture for grazing in the western United States and on the Plains.

Labour shortages and workers' fears about COVID-19 also limited slaughtering at processing plants run by companies such as Tyson Foods Inc and JBS USA, the North American arm of Brazilian meatpacker JBS SA.

The beef cow herd totaled 30.1 million head as of 1 January, down 2% from a year earlier and the lowest since 2015. All cattle and calves totaled 91.9 million head, also down 2% from a year ago.

"We're going to have less beef in the pipeline," said Altin Kalo, agricultural economist for Steiner Consulting.

President Joe Biden's administration, concerned about price hikes in general and especially in the meat sector, said this month it would spend \$1 billion and issue new rules to address a lack of "meaningful competition" in meat processing.

The US Labor Department said in early January that inflation was at a nearly 40-year high.

Rising beef prices normally induce cattle producers to expand their herds, Kalo said.

"That signal should have gone to the producer this year," Kalo said. "They didn't receive it because there were bottlenecks that didn't allow plants to process more than a certain number of cattle."

Beef supplies will likely tighten in the second half of 2022, after a temporary bump in production due to ranchers sending more heifers to slaughter instead of retaining them for breeding, said Rich Nelson, chief strategist for brokerage Allendale. "After this summer, it's going to tighten," he said.

By GREG HENDERSON February 1, 2022

America's cattle herd shrank by 2% last year, according to the annual Cattle report issued by USDA's National Agricultural Statistics Service (NASS). The total number of cattle and calves on farms and in feedlots was estimated at 91.9 million head. US Cattle Inventory

The beef cow herd also declined by 2% to 30.1 million, and heifers intended for replacement fell about 3% for both dairy and beef.

The all cattle on feed totaled 14.7 million head, up slightly from 2021.

The total inventory and the beef cow numbers were both lower than what industry analysts had expected.

The cattle on feed number was higher than the trade expected. Cattle Inventory



All cows and heifers that have calved, at 39.5 million head, were 2% below the 40.3 million head on Jan. 1, 2021. The 2021 U.S. calf crop was estimated at 35.1 million head, down 1 percent from the previous year's calf crop.

All heifers 500 pounds and over as of Jan. 1, 2022, totaled 19.8 million head, 2% below the 20.2 million head on Jan. 1, 2021. Beef replacement heifers, at 5.61 million head, were down 3% from a year ago. Milk replacement heifers, at 4.45 million head, were down 3% from the previous year. Other heifers, at 9.71 million head, were 1% below a year ago.

USDA made revisions to prior inventory estimates for the calf crop, increasing the 2021 figure by 360,000 head. The all cattle and calves number had an adjustment of nearly 200,000 head.

Drought-stricken Montana saw the largest percentage change in total cattle and calves, down 10.2% from last year, or 250,000. Several states lost more than 5%, including North Dakota, South Dakota, New Mexico, Arkansas, Missouri, Pennsylvania and South Carolina.

Two states recorded a new record high for cattle inventory – Idaho at 2.55 million head, and Alaska at 5,900 head.

While the overall number of beef replacement heifers was 3% lower, several states actually increased heifer retention. States that increased heifer retention 5,000 head each from last year were: Colorado, Iowa, Minnesota, South Dakota, Washington, and Wisconsin. Kansas and Nebraska each increased 20,000 head of heifers. A handful of other states were up less than 5,000 head.

NASS revised its 2020 calf crop estimate with an increase of 360,000 head, and this year's number was reduced to 35.135 million head, a 1% decline. Estimated US Feeder Cattle Supply and Average Estimated CowCalf Margins

By PAUL DYKSTRA February 2, 2022

Regardless of which market we might discuss, "uncertainty" is an accurate descriptive term. U.S. equities are unsettled with interest rate hikes currently delayed but promised in March, according to the Federal Reserve.

This background has done little to settle the equity markets, and this spills over to cattle and beef. A couple of strong days headlined cattle futures this week, following up a very choppy futures trade a week ago.

Cash cattle trade this Tuesday found feedyards fairly bullish and packers equally responsive in the range of \$140/cwt. Trade was regional at this price, but the \$3/cwt. increase over last week's average found feedyards willing to sell their better cattle. Fed Cattle Prices-- January 2022

A broader view of fed cattle prices for January reveals a sideways price trend, with very little tie from boxed beef values to fed cattle prices.

Packer efficiency improved last week, with an incremental uptick in the slaughter pace to 643K head, a 1.1% increase over the prior week. As we've reiterated many times before, larger slaughter rates are key to the success of every supply chain sector. There is no downside to larger head counts at this time.

The historical bias for beef demand for the month of February is lower. As a matter of fact, Feb. tends to be the low-demand month of the year. We can practically throw this aside in 2022 because of the smaller harvest pace.

Beef inflation is a two-pronged anomaly today. Of course, the broader economy is reflecting the inflationary conditions across all consumer goods. Yet retail beef prices continue to bear the added burden of the imbalance in supply and demand.

Boxed beef values last week were mixed, with the CAB cutout reported slightly lower but Choice and Select values a bit firmer. Early this week, the daily pricing shows a softer pricing trend across the board. Two primary factors are continued concerns of COVID and the fact that current retail beef price levels are record high for this time of the year, 20% higher than the same period last year. Regarding COVID concerns, end users are likely debating that normal Valentine's Day beef demand will be lessened.

Cow Herd Implications

The USDA January 1 cow herd inventory, published this Monday, confirmed a 2% decline in the beef cow herd, along with a 1% decline in feeder cattle supplies. This is relatively in line with earlier estimates, although some had projected the beef cow decline fractionally smaller than the USDA number.

Implications moving forward for cattle markets remain unchanged due to this report, as these facts were already priced in to the market. Good news for cattlemen from a price perspective, as the outlook is quite bullish with smaller supplies expected to heat competition for feeder cattle. As we've noted, feeder and fed cattle futures contracts in the deferred months have priced this in for some time now.

In the near term, placements of feeder cattle have been robust in the fourth quarter and January is likely to show another strong month of placements. For the 2022 marketing year, this has front-loaded the calendar year with cattle directed more heavily toward feedlots. Fewer are going out to graze on small grain pastures due to dry conditions.



The second half of the year has risk toward fewer fed cattle supplies in terms of the typical seasonal balance. Of course, this has opposing implications for buyers and sellers of fed cattle during that period.

NCBA: Margenes Producción vs. Industria

02 February 2022 Ethan Lane, VP Government Affairs at the US National Cattlemen's Beef Association (NCBA), spoke to The Cattle Site about producer and packer margins at the NCBA convention in Houston on Tuesday.

"The NCBA sits in a really unique position because we have state affiliates from coast to coast; we have cow-calf affiliates; we have feeder affiliates. We have such a broad spectrum of producers that are producing cattle around the country in different ways, and we sit at the intersection of all of these different takes on what to do with the spread that we've seen over the last couple years - the disparity between packer margins and producer margins on cattle," said Lane. "We've had policy for years on this range of issues and that has allowed us to engage in a lot of these conversations on The Hill, whether it's the creation of a cattle contract library, adding more transparency tools for producers, looking at carcass weights and delivery windows and the cattle marketing mandates that are being contemplated as well."

NCBA has had long-standing policy opposing government mandates that restrict a producer's ability to choose the best marketing method for them. Yet, there are a lot of affiliates that also feel very strongly that the current situation is different and that the government needs to do something about the lack of price discovery and the thin cash markets in some regions, he said.

"As we've engaged in these hearings and with members of Congress on this, that's really been our message - is we're bringing you a message of conflict in the industry," he explained. "We have half the industry on this side saying, 'don't mess up the market that I've built over the last 30 years' and we have the other side saying, 'give me access to a market that works for me' like their market's working for them."

Trying to balance those two sides is NCBA's role. While they don't make up policy in Washington, DC, NCBA's role is to take policy from our grassroots membership around the country.

"Sitting in a meeting like this this week is where the rubber reaches the road. We're going to get refreshed guidance from our members on which direction they want us to go by engaging in those conversations," he said. "We've done five hearings on Capitol Hill on cattle markets, and I don't think we're done yet and we're going to have more opportunities to provide input. The Hill is definitely watching this week. They're curious to see what's going to come out of this meeting."

The NCBA Cattle Conference presents a good opportunity to take a pulse and see what the different affiliates have learned over the last couple years and what their boards are thinking as far as where they want to go moving forward.

Agriculture has caught the attention of President Biden

President Biden has recently made multiple statements on competition in the meat packing industry. The White House has expressed repeated concern over American consumers paying more for meat while farmers' profits have dwindled. The White House has laid blame at the feet of the four major packers in the US.

According to Lane, "There are a lot of challenges with inflation throughout the economy and escalating prices. [The beef industry] is not unique in that equation, but we definitely have received our fair share of attention for how those inflationary forces have impacted our supply chain. Our producers, the members in this building right now, haven't benefited from those elevated prices the way that other parts of the supply chain have."

The Biden Administration recently dedicated \$1 billion to expand independent processing capacity, which means new funding for small to medium-size packing facilities across the country.

Lane sees this as a huge opportunity for for the cattle industry.

"You need those high capacity plants - they serve an important purpose of moving 660,000 or so cattle a week right through that system," he said. "We keep a lot of people fed with that beef, but adding more options for producers to market their cattle, adding more regional and local options that fit what they're doing in their part of the country is such an important opportunity. We're really excited that USDA is working on this and have been pleased with their offers of letting us input into the process. We look forward to continuing that conversation and seeing what develops. These are great things to be contemplating in a time when we have surging demand both domestically and overseas."

USDA+Departamento de Justicia: canalizan denuncias de manipulación de precios

By PAIGE CARLSON February 3, 2022 In an effort to bring justice to potentially unfair and anticompetitive practices in the livestock and poultry industries, the USDA and Department of Justice (DOJ) have teamed up to launch a new reporting tool, located at farmerfairness.gov.

The meatpacking industry has rapidly consolidated, while the producers' shares of their agricultural products has significantly decreased, USDA said in a release.



“Ranchers received more than 60 cents of every dollar a consumer spent on beef 50 years ago, compared to approximately 39 cents today. Hog farmers fared worse over the past 50 years, as their share of the consumer dollar fell from between 40 to 60 cents 50 years ago to approximately 19 cents today,” USDA explained.

U.S. Secretary of Agriculture Tom Vilsack encourages producers who are aware of potential violations of competition laws to submit information to the portal so USDA and DOJ can take appropriate action to create more competitive markets in agriculture.

“When we talk about protecting competition in the agricultural sector, we are talking about whether a farmer or a rancher will be paid a fair and competitive price for their goods and labor. When we talk about protecting consumers in this context, we are talking about whether food will be affordable for everyone in America,” Attorney General Merrick B. Garland said in a release.

This tool will allow DOJ and USDA to collaborate and more effectively process complaints.

Complaints will follow a series of reviews and appropriate action will take place. Users may submit information under their names or anonymously. Producers may also submit information by emailing PSDComplaints@usda.gov; calling 833-342-5773; or mailing Stop 3601, 1400 Independence Ave. SW, Washington, D.C. 20250-3601.

NAMI: proyecto de modificación de normativa afecta la sustentabilidad del sector

By NORTH AMERICAN MEAT INSTITUTE February 3, 2022

WASHINGTON, DC – The North American Meat Institute (NAMI) today said the Biden Administration’s proposed rules for the Packers and Stockyards Act could limit the abilities of the meat and poultry industry to respond to consumer demand regarding sustainability.

“In the case of beef, farmers and ranchers produce cattle using 33percent less land, 12 percent less water, and with a 16 percent smaller carbon footprint in 2007 compared to 1977. That is an astounding sustainability success story,” said Julie Anna Potts, President and CEO of the Meat Institute. “The U.S. meat industry cannot continue to build on this remarkable sustainable productivity growth and meet consumer expectations if the government restricts interactions between packers and producers. Government intervention could jeopardize the gains made to date as well as the industry’s ability to provide the products customers demand in the future.

The Meat Institute submitted written testimony for a hearing of the House Committee on Agriculture called, “Sustainability in the Livestock Sector: Environmental Gain and Economic Viability.”

Productivity in Sustainable Beef

The U.S. Department of Agriculture (USDA) has announced plans to propose new rules under the Packers and Stockyards Act to regulate the interactions between packers and producers. By design, the proposed rules will discourage the use of alternative marketing arrangements (AMAs) – the very tools that have improved efficiency, productivity, and risk management over the past two decades and allowed the sector to meet consumer expectations for increased beef quality.

As multiple agricultural economists and cattle producers have explained, AMAs increase market efficiency by transmitting market signals about consumers’ preferences to producers. The remarkable improvement in beef quality demonstrates this.

U.S. Beef Quality Grade

Today, consumers demand increased environmental sustainability, and AMAs are essential to providing support for undertaking innovative sustainability practices and improving efficiency.

In a 2021 online survey of over 1,000 consumers, 72 percent of consumers said “sustainability was a very or somewhat important purchase consideration,” and 68 percent said they were “willing to pay more for sustainable products.

Recognizing this strong consumer preference, in July 2021, the Meat Institute and 11 other organizations representing farmers and companies who produce the vast majority of America’s meat, poultry, and dairy products, and animal feed and ingredients, unveiled the Protein PACT for the People, Animals, and Climate of Tomorrow. The Protein PACT is the first joint initiative of its kind designed to verify progress toward global sustainable development goals across all animal protein sectors to ensure consumers can trust that meat aligns with their sustainability expectations. In addition, the Meat Institute is a member of the U.S. Roundtable for Sustainable Beef (USRSB), partnering with beef producers and others in the supply chain to advance beef sustainability through overarching and sector specific metrics and goals, and USRSB is a Protein PACT partner, joining our effort to share our progress in the beef sector.

Through Protein PACT, Meat Institute members have developed robust metrics for continuous improvement and have publicly committed to sustain healthy animals, thriving workers and communities, safe food, balanced diets, and the environment.

To encourage full participation by companies of all sizes, the Meat Institute has established a broad range of measurable indicators within each focus area. These indicators allow companies to demonstrate



continuous improvement at every stage of their sustainability efforts, transparently demonstrating compliance and measuring progress in setting, tracking and delivering on ambitious public commitments. “Our benchmarks are designed to complement and strengthen efforts by farmers and livestock producers, and also bridge to actions in grocery stores, restaurants and homes – all of which are needed to truly achieve our common goals for the people, animals and climate of tomorrow,” said Potts.

CattleFax Proyecciones 2022

02.04.2022 By Ryan McCarthy HOUSTON – CattleFax officials recently discussed expectations for the beef sector in 2022 during the Cattle Industry Convention and National Cattlemen’s Beef Association (NCBA) trade show.

Experts gave market and weather analysis at the firm who forecasted cattle price and profitability trends are pointing in the right direction despite the continued COVID-19 pandemic challenges.

Kevin Good, vice president of industry relations and analysis at CattleFax reviewed how labor issues and packaging challenges continue to linger in the industry, but both are expected to improve during 2022. He noted that and strong global and domestic consumer beef demand would increase profitability across segments.

“Drought, market volatility and processing capacity challenges affected 30% to 40% of the cowherd over the last year,” he said. “Without an improvement in weather and profitability, at least 250,000 more head will be liquidated in 2022.”

Good also said US beef cow inventories fell more than 700,000 head from last year and are off nearly 1.6 million from cycle highs. For 2022, the beef cowherd is projected to reach about 30.1 million head.

CattleFax data indicated that the feeder cattle and calf supply will be 675,000 head smaller than 2021, totaling 25.5 million head. Fed cattle slaughter will decline 400,000 head lower compared to last year, at 25.7 million head. The group also projected that commercial beef production will contract over the next several years starting with a 2% decline in 2022.

US beef exports are expected to grow by 5% (3.7 billion lbs) in 2022 according to CattleFax. The increases will be led by year-over-year gains in China, Japan, and South Korea, which are American partners for the global protein trade.

“The tightening of global protein supplies will support stronger US red meat exports in 2022,” Good added. Another focal point for the beef industry this year will be the expected normal spring and summer weather patterns and its effect on the corn and soybean yields.

With that information, CattleFax forecasted planted corn acres at 91.8 million and soybean acres are expected to remain near 87.2 million acres.

“Exceptional demand from China is leading US corn exports to new records and expanded interest could easily push exports higher in 2022,” said Mike Murphy, CattleFax vice president of research and risk management services.

He also noted that the weather would influence hay prices, with much of the Central Plains and the West battling some level of dryness or drought.

Matt Makens, the meteorologist for CattleFax, stated that La Niña remains firmly in control of the ocean-atmosphere system, and that is unlikely to change this spring. However, it remains possible that there will be some changes throughout summer.

“For the US, barring any change to the La Niña outlook or sudden warming in the Gulf of Alaska, dryness continues across the Southwest and South with warm temperatures, too,” according to CattleFax officials. “The Northern Plains and Corn Belt are expected to have wetness farther east this spring and drier conditions for this summer, with temperatures closer to normal versus 2021.”

At the end of the session Randy Blach, chief executive officer for CattleFax, expressed a positive outlook with the expectations for margins to improve as cattle supply tightens and producers gain leverage back from packers and retailers.

He also expects beef demand to remain solid with expected export growth, and utilization and packing capacity to improve over the next few years.

China no cumplió con la Fase I del acuerdo de 2021

02 February 2022 Purchases of US farm goods fell short of the Phase 1 goal by about \$13 billion

China has failed to meet its commitments under a two-year "Phase 1" trade deal that expired at the end of 2021, and discussions are continuing with Beijing on the matter, Deputy U.S. Trade Representative Sarah Bianchi said on Tuesday.

"You know, it is really clear that the Chinese haven't met their commitment in Phase 1. That's something we're trying to address," Bianchi told a virtual forum hosted by the Washington International Trade Association.



In the deal signed by former President Donald Trump in January 2020, China pledged to increase purchases of U.S. farm and manufactured goods, energy and services by \$200 billion above 2017 levels during 2020 and 2021, reported Reuters.

Through November, China had met only about 60% of that goal, according to trade data compiled by Peterson Institute for International Economics senior fellow Chad Bown.

The deal prevented the escalation of a nearly three-year trade war between the world's two largest economies, but left in place tariffs on hundreds of billions of dollars of imports on both sides of the Pacific.

Agriculture Secretary Tom Vilsack in late January told lawmakers that China's purchases of US farm goods fell short of the Phase 1 goal by about \$13 billion.

The US Census bureau is expected to release final 2021 trade data for goods and services on 8 February, which will provide specifics on the shortfall.

Chinese customs data showed the country's 2021 trade surplus with the United States surged 25% to \$396.6 billion after declining for two straight years, with exports to the United States up 27% and imports of American goods rising 33%.

A spokesperson for China's Embassy in Washington said Beijing has worked to implement the Phase 1 agreement "despite the impact of COVID-19, global recession and supply chain disruptions."

"We hope the US can create a sound atmosphere and conditions for expanded trade with China. The two trade teams are in normal communication," the spokesperson said in an emailed statement.

Bianchi, whose portfolio includes China and Asian trade matters, did not identify steps the Biden administration is taking to hold China to its Phase 1 commitments, which also include some increased Chinese market access for US agriculture, biotechnology and financial services.

"It's not our goal to escalate here. But certainly we're looking at all the tools we have in our toolbox to make sure they're held accountable," Bianchi said, without providing details.

Bianchi, who served as an economic adviser in the Obama administration and took office in October, said the United States was trying to foster a "stable relationship" with China, but the two countries are at a "difficult stage in the relationship."

"To be super-candid, the conversations are not easy. They're very difficult. But you know, from my perspective, what's important is that we're having conversations and they will be unflinchingly honest," Bianchi said.

She said USTR was emphasizing that China's state aid to companies and non-market economic policies and practices are a "serious threat to American economic interests."

Bianchi said USTR was consulting closely with Congress on the Biden administration's planned Indo-Pacific Economic Framework to re-engage economically with the rest of Asia, and more details would be released in coming weeks.

The framework will not include improved market access for countries that sign up, Bianchi said, but said the United States will be seeking high-standard "binding commitments" from trading partners in negotiations on digital trade policies, labour rules, environmental standards and supply chain resilience.

AUSTRALIA

Bajan las exportaciones afectadas por casos de COVID en plantas

Jon Condon, 02/02/2022 JANUARY beef exports out of Australia slumped to one of the lowest monthly figures on record.

Volume to all overseas markets last month reached just 43,362 tonnes, down 13pc on an already very low figure recorded in January last year, and 33pc below the previous four-year January average.

As reported earlier on Beef Central, beef processing businesses across eastern Australia were hit by a wave of omicron infections (and close-contact isolations causing absenteeism) among team-members after the businesses returned to work in January.

The result was dramatic declines in throughput, with some plants reporting 30-50pc reductions in operations earlier last month. Many are now well on the road to recovery, however.

Last month's trade figure is the lowest recorded in January in recent memory – certainly since 2011, when the Port of Brisbane and many Queensland and NSW beef processing plants were shut for long periods during due to record flooding and cyclone damage to roads and infrastructure.

All major export markets were impacted last month:

Japan – Australia's largest export customer by both volume and value – took just 10,214t.

That was down 39pc on December trade, and was 19pc below January trade last year.

In a historical milestone, Japan was the only export customer to break 10,000t for the month.

The United States took just 6757t of Australian beef, with west coast ports evidently still heavily impacted by earlier logistics blockages. The figure was less than half of December's trade (15,277t), but only about 4pc behind January last year, which was itself an unusually low figure.



South Korea was less impacted than most, responsible for 9288t of Australian chilled and frozen beef in January – partly due to its greater reliance on grainfed, and partly because January tariffs have again reverted to lower rates, after Australia triggered Korea's Safeguard provision in November last year. Trade was back 39pc from a high December figure of 15,181t, but up 10pc on January last year.

Despite normal high demand leading up to Chinese New Year (celebrated yesterday), Australia's January beef exports to China reached just 8780t, down 36pc from December, but only 5pc behind January figures last year. With few international visitors arriving in China for the 2022 Winter Olympics this month, food service and hospitality trade volume has shown little signs of a spike in beef trade into China.

Among secondary export markets, volumes remained particularly light last month.

Indonesia took 1540t of mostly frozen beef in January. Less than half the volume of trade seen this time last year.

The ten countries making up the Middle East region accounted for 1118t of Aussie beef – less than half the trade seen in December, and 45pc behind January last year.

In the absence of active Free Trade Agreements until at least later this year, the European Union/United Kingdom region remained remarkably subdued in January.

Total volume shipped to the UK reached just 40 tonnes, while the EU blok accounted for just 440t, down 18pc on January last year, and only a fraction of the typical trade seen a year or two earlier.

The trade is hopeful that all that will change, once FTA's with both the UK (due to come into force later this year) and the EU (yet to be finalised) are brought into force.

11pc rise in exports forecast for 2022

In response to a forecast 11pc increase in cattle slaughter this year as the Australian beef industry's herd rebuild gathers momentum, Meat & Livestock Australia's 2022 beef industry projections issued yesterday anticipates beef exports to rise this year by 11pc, or almost 100,000t, from 887,679t shipped weight exported last year to around one million tonnes this year.

Record high carcase weights anticipated this year will also contribute to increased availability for export. MLA anticipates average adult cattle carcase weights to hit 311kg this year, driven by greater reliance on grainfeeding and fewer females being killed. This figure is up from 283kg back in the middle of the drought in 2019, when cow slaughter hit extreme levels – a rise of 28kg or 9pc since then.

Export beef volume is expected to grow further in 2023, to around 1.14 million tonnes, before hitting 1.24mt the year after that. That would represent a 35pc increase in volume between the 35-year low seen in 2021, and 2024.

MLA Proyecciones 2022 – recuperación del rodeo y de la faena – buenas perspectivas para feed lots – creciente competencia para las exportaciones de bovinos vivos

Beef Central, 01/02/2022

With above average rainfall predicted across the largest beef-producing states of New South Wales and parts of Queensland, the national cattle herd is projected to grow by 1.1 million head this year – up 4pc on last year – to 27.2 million head.

In addition, slaughter numbers are forecast to rise by 11pc this year to 6.7 million head, driven by increased supply.

These are some of the headline figures included in Meat & Livestock Australia's 2022 Cattle Industry Projections released this morning.

MLA's market information manager Stephen Bignell said the ongoing rebuild was positive for the red meat and livestock industry, however the pace of the rebuild would vary across different states, underpinned by a third year of favourable seasonal conditions for southern Australia.

"Herds in the southern states of New South Wales and Victoria will mature favourably, with large numbers of high-quality young breeding females and heifers joined to deliver a large cohort of calves for the 2022 spring. Females will be well supported by abundant and good quality pastures promoting favourable growing conditions," Mr Bignell said.

While the southern states were accelerating their rebuilds, success in the north would be ongoing, albeit at a slower pace.

"While Queensland's rebuild has been aided by excellent spring and summer rainfall events in central and southern parts of the state, the northern pastoral system requires a positive end to the 2022 wet season before its rebuild can definitively begin in 2023," Mr Bignell said.

The northern systems rebuild was currently reliant upon successive favourable wet seasons occurring in 2022 and 2023 to deliver the core breeding herd an opportunity to increase joining percentages and branding rates.

Production



MLA says increased supply will see slaughter numbers increase by 11pc this year – albeit coming of 35 year lows in 2021 – with production volumes expected to reach 2.08 million tonnes, a positive sign for export markets.

Record high carcass weights will help underpin beef production this year. Driven by large volumes of quality grazing pastures over the last two years, average carcass weights are forecast to reach 311kg this year, a 9pc increase on the 283kg levels which were recorded in 2019 at the height of the drought – an improvement of 28kg/head in the space of three years.

The use of lotfeeding programs is leading to higher carcass weights. Current high prices for cattle are leading to heavier weights as producers have an economic incentive to add additional weight to their animals, especially when feed is abundant and cheap. If finished cattle prices ease, the recent carcass weight gains will stabilise.

“Following a challenging 2021 for export markets, Australian beef will enter a significant high-value export market when the Australia-UK Free Trade Agreement comes into effect later this year,” Mr Bignell said.

As many countries continued to recover from the COVID pandemic, demand for Australian beef is expected to grow in line with improving supply of cattle from the second half of 2022.

“However, headwinds remain for the industry in 2022 with transportation, staff shortages and the potential for the Australian dollar to appreciate all challenges for industry to manage,” Mr Bignell said.

“While these challenges remain, the beef industry is experiencing market conditions and confidence never seen before at a producer level. Overall, the industry is in an incredibly positive position and will continue to deliver high value, high quality Australian red meat to both emerging and established global markets.”

Cattle prices

MLA surveyed six industry analysts for their price forecasts through until the end of the 2022 financial year. The analysts expect the EYCI to hit 998c/kg on 30 June 2022, as demand falls and supply increases. This price represents a 11pc reduction on current prices.

As economies continue to recover from the pandemic and demand from the middle-income earning consumers grow in line with the increased population of these people, the export outlook for Australian beef is promising.

Headwinds and challenges will remain, such as the macro issues including labour, shipping and logistics, as well as the potential for the Australian dollar to appreciate. However, overall, there are a multitude of positives for industry, particularly for the producer and the heightened demand for Australian beef in key global and emerging markets.

01 February 2022

National herd growth is projected at 1.1 million or 4%

With above average rainfall predicted across New South Wales and parts of Queensland, the national cattle herd rebuild is set to continue, according to Meat & Livestock Australia’s (MLA) first Cattle Industry Projections update for 2022.

The national herd is projected to grow by 1.1 million - or 4% - to 27.2 million head as the rebuild becomes more pronounced. In addition, slaughter numbers are forecast to rise by 11% in 2022, driven by increased supply.

MLA Market Information Manager Stephen Bignell said the ongoing rebuild is positive for the red meat and livestock industry, however the pace of the rebuild will vary across different states, underpinned by a third year of favourable seasonal conditions for southern Australia.

“Herds in the southern states of New South Wales and Victoria will mature favourably, with large numbers of high-quality young breeding females and heifers joined to deliver a large cohort of calves for the 2022 spring. Females will be well nourished from abundant and good quality pastures promoting favourable growing conditions,” Bignell said

“While the southern states are accelerating their rebuilds, success in the north will be ongoing, albeit at a slower pace,” he said.

While Queensland’s rebuild has been aided by excellent spring and summer rainfall events in central and southern parts of the state, the northern pastoral system requires a positive end to the 2022 wet season before its rebuild can definitively begin in 2023.

The northern systems rebuild is currently reliant upon successive favourable wet seasons occurring in 2022 and 2023 to deliver the core breeding herd an opportunity to increase joining percentages and branding rates.

Increased supply will see slaughter numbers increase by 11% in 2022, with production volumes expected to reach 2.08 million tonnes, a positive sign for export markets according to Bignell.

“Following a challenging 2021 for export markets, Australian beef will enter a significant high-value export market when the Australia-UK Free Trade Agreement comes into effect later this year,” he said “As many



countries continue to recover from the pandemic, demand for Australian beef is expected to grow in line with improving supply of cattle from the second half of 2022."

"However, headwinds remain for the industry in 2022 with transportation, staff shortages and the potential for the Australian dollar to appreciate all challenges for industry to manage," he continued

"While these challenges remain, the beef industry is experiencing market conditions and confidence never seen before at a producer level," he concluded. "Overall, the industry is in an incredibly positive position and will continue to deliver high value, high quality Australian red meat to both emerging and established global markets."

Beef Central, 01/02/2022

AUSTRALIA'S grainfed beef sector is expected to have another strong year in 2022 after last year making up 50 percent of the country's production for the first time ever.

Meat & Livestock Australia today released its 2022 Cattle Industry Projections – forecasting Australia's herd to grow by 4pc this year. While a large part of the herd growth is expected to be in the grassfed sector, numbers of cattle on feed are expected to stay high.

"The feedlot sector provided continuity of supply in 2021. For the first time ever, 50pc of Australian beef was grainfed," the report said.

"Furthermore, 50pc of domestically consumed beef was from lot fed cattle, as domestic consumers develop a taste for grainfed product.

"This trend was driven by both supply and demand, with lot fed cattle comprising a large proportion of cattle being slaughtered and domestic consumers having more discretionary funds to purchase premium grainfed products."

Along with cattle on feed making up a larger proportion Australian production, the amount of time cattle are spending in feedlots is also increasing. Last year, Wagyu made up about 15pc of grainfed cattle slaughtered.

"The high cost of purchasing cattle was offset by the abundance and relative price of grain. The cost of cattle also contributed to a structural trend which saw cattle feed for longer periods and to heavier weights," the report said.

MLA is predicting this trend to continue this year, with an increasing reliance on feedlots and similar market conditions to last year.

"Going into 2022, the feedlot sector will continue to be a prominent component of the Australian beef industry. This has been demonstrated with feedlot capacity remaining at record levels of 1.4 million head," the report said.

"There will be more grassfed cattle turned off in 2022 as the herd rebuild matures and pastures become abundant. This will see the proportion of grainfed beef produced fall, however there won't be a significant fall in the absolute number of grainfed turn-off."

While prices are expected to main high as restocker activity continues in New South Wales and parts of Queensland – the report is predicting a fall in the second half of the year.

"MLA has surveyed six industry analysts for their price forecasts through until the end of the 2022 financial year. The analysts expect the EYCI to hit 998c/kg on 30 June 2022, as demand falls and supply increases," the report said.

"The second half of 2022 is forecast to deliver a significant increase in supply as young cattle reach processor weights.

"Naturally, more supply will place downward pressure on the market, although in the short term this is not expected."

James Nason, 01/02/2022 Live exporters are expected to continue to face tough competition for cattle from restockers, processors and lot feeders in 2022.

But after successive years of difficult trading conditions there are also signs of more positive times emerging for the trade in the next 12 to 18 months, Meat & Livestock Australia's February 2022 cattle projections outlook statement released today suggests.

2021 was a great year for people selling cattle into the livestock export trade as supply constraints forced prices higher and higher, ultimately rising to records of well over \$5/kilogram liveweight in January.

But for those buying them, tight supply, record high cattle prices, pandemic-related disruptions and rising Australian dollar and oil prices made 2021 a year to forget.

Those pressures combined to reduce exports to all markets in 2021, with total numbers down by 26 percent to a total of 771,931 for the year.

Exports to Vietnam dropped by 48 percent year, and to China by 20 percent.

Indonesia finished with a flurry as feedlots took large orders to prepare for the earlier start to the religious festival in 2022 (Ramadan on 2 April and Eid al-Fitri on 2 May). This resulted in overall exports to



Indonesia for 2021 declining by 12 percent for the year – a smaller reduction than had appeared likely in the second half of 2021 – to a total of 406,781 head.

Green shoots

MLA's forecast contains indications there are positive signs emerging for the trade in the medium term.

This includes signs that Indonesia may import less Indian Buffalo Meat and Brazilian beef in 2022, further encouraging imports of live Australian cattle.

The forecast also notes that improved seasonal conditions in the northern parts of Australia, courtesy of a La Niña weather pattern which has brought above-average rainfall to many areas, will lead to improvements in trade conditions from 2023.

"If cattle prices begin to ease in the latter half of 2022 as supply improves, live export trade should begin to trend up again quickly to meet demand," the outlook suggests.

Specific points in today's outlook included:

Vietnam: "Australian exports in 2022 will depend to an extent on Brazilian imports and it remains unclear whether Vietnam will accept more shipments from Brazil in 2022"

Supply of cattle from Brazil: "Brazil's supply is expected to be solid in 2022, having begun a liquidation phase during 2021. Total Brazilian live exports are forecast to increase at 2.4% in 2022 on 2021 (Source: GIRA)".

Supply of Indian Buffalo Meat: "In India, Indian buffalo meat is expected to maintain competitive price pressure on locally slaughtered Australian live cattle, with India's herd, production and exports forecast to further expand in the next couple of years (Source: GIRA)."

Israel ban on cattle imports increasingly likely: "In the Middle East, Australian cattle exports to Israel were significantly lower again in 2021 year-on-year, dropping by 34 percent. Europe (Portugal) and Sub-Saharan Africa (Ethiopia) continue to fill some of this gap, taking advantage of the lower prices, proximity and lower export regulation requirements. Developments in Israeli legislative preparations for a potential ban on all live animal imports have made significant progress in 2021, with an increasingly high likelihood of a phased ban being implemented."

In recent years, Israel has ranked as Australia's fourth largest export cattle market by volume, importing as many as 78,116 head in 2019. Annual imports from Australia have since decreased to 37,475 in 2020 and 24,624 in 2021.

China suspende a otro frigorífico y la industria exige soluciones al gobierno

por Javier Lyonnet febrero 2, 2022

La nueva suspensión de importaciones un frigorífico en Australia resuelta por China, la décima desde mayo de 2020, no solo confundió al sector sino que llevó a que el Consejo Australiano de la Industria Cárnica exigiera al gobierno que mejore la relación con el gobierno chino.

La situación es insostenible para la principal industria exportadora de Australia y el relacionamiento con su cliente número 1: China.

Se estima que la medida tomada en las últimas horas –la suspensión de importaciones de carne del frigorífico Teys Naracoorte- fue a consecuencia de un brote de Covid-19 en la planta. Pero como las autoridades chinas no informaron de las causas, esto no está confirmado.

Lo cierto es que este es el décimo frigorífico que debe frenar su corriente comercial hacia China luego de que el gobierno australiano presionara para investigar los orígenes del coronavirus sin consultar a Beijing.

Ante el reclamo de los industriales, el ministro de Comercio australiano, Dan Tehan, dijo que las autoridades chinas se niegan a sentarse a la mesa.

El director ejecutivo del Australian Meat Industry Council, Patrick Hutchinson, dijo que «el momento para una mejor relación con China es ahora; es el momento de comprender cómo podemos hacer las cosas de manera más efectiva y eficiente para las empresas agrícolas más grandes de Australia».

«Debido a que no tenemos un diálogo con China, cuando ocurren estos problemas no lo sabemos hasta que ingresa al sitio web de aduanas», dijo.

En todo el mundo, ahora hay casi 150 instalaciones de procesamiento de carne y almacenamiento en frío suspendidas del comercio con China.

Ninguna de las plantas de carne de exportación australianas suspendidas hasta ahora por China ha visto restaurado su acceso comercial.

La exportación de carne vacuna de Australia a China fue el año pasado de 148.357 toneladas (menos de la mitad que Uruguay, que exportó 360.000 toneladas), un 25% menos que en 2020 y 51% menos respecto al año 2019.



EMPRESARIAS

Marfrig aumenta su participación en BRF

31 January 2022

BRF will issue 325 million new common shares

Brazilian meatpacker Marfrig Global Foods SA said on Friday its board approved the participation of the company in BRF's follow-on share offering, reported Reuters.

According to the company's minutes, the offering - in which BRF will increase its capital through the issuance of 325 million new common shares - prompted analysts and market players to speculate if Marfrig intends to acquire a controlling stake in the company without the risk of triggering a poison pill. The latter is a tactic used by companies to make themselves unattractive to bidders who threaten the company with unwelcome takeover bids.

Marfrig currently holds a 33% stake in BRF.

JBS reconocida por sus prácticas sustentables con el medio ambiente

Pablo Antúnez Por Pablo Antúnez, 31/01/2022 Forma parte del Índice Carbono Eficiente

El grupo JBS, el mayor productor de proteínas de origen animal del mundo, fue elegido otra vez para formar parte del Índice Carbono Eficiente (ICO2) de B3. Este es un reconocimiento más al esfuerzo y las prácticas sustentables de la compañía, ya que las empresas que cotizan en bolsa y que participan en el índice son aquellas comprometidas con las mejores prácticas de gestión de emisiones de gases de efecto invernadero y son los responsables de agrandar la capa de ozono.

El año pasado, la compañía anunció el compromiso de convertirse en Net Zero en 2040, compromiso mediante el cual llevará a cero el balance neto de emisiones de gases de efecto invernadero. La iniciativa de JBS abarca toda su cadena de valor, reduciendo sus emisiones directas e indirectas, compensando todas las emisiones residuales

JBS fue la primera gran empresa global del sector en establecer este objetivo. En la COP26, celebrada en noviembre de 2021, en Glasgow, Escocia, la Compañía, junto con diez de las empresas de procesamiento y comercialización de alimentos más grandes del mundo, elaboró una declaración conjunta comprometiéndose a desarrollar una hoja de ruta sectorial para contener el calentamiento global en 1,5 °C por encima niveles preindustriales para la COP27 en Egipto.

Esta declaración fue articulada por los gobiernos de EE. UU. y el Reino Unido, con el apoyo de Tropical Forest Alliance, vinculada al Foro Económico Mundial, y el Consejo Empresarial Mundial para el Desarrollo Sostenible.

“Ser parte del B3 Carbon Efficient Index es un reconocimiento a nuestra agenda ESG, especialmente en vista de nuestro compromiso Net Zero 2040. Estamos comprometidos con la economía baja en carbono”, destaca Márcio Nappo, Director de Sostenibilidad de JBS.

Ej ejecutivo remarcó que la compañía estuvo buscando soluciones para reducir las emisiones de metano en la cadena ganadera. Durante la COP26, la empresa anunció una alianza con Royal DSM para el uso de Bovaer® en la cadena productiva del ganado. Este suplemento nutricional tiene el potencial de reducir las emisiones de metano entérico hasta en un 90 %, y Brasil fue el primer mercado en otorgar la aprobación regulatoria para su uso.

En el mismo sentido, la empresa se asoció con el Instituto de Ciencia Animal del Departamento de Agricultura y Abastecimiento del Estado de São Paulo para participar en investigaciones dirigidas a identificar potenciales aditivos alimentarios que mejoren la eficiencia del uso de nutrientes en la dieta de los animales. Ambas acciones son parte del plan de JBS para reducir, a escala global, las emisiones de metano entérico bovino a través de la dieta nutricional del ganado. (Fuente: portal Eurocarne.

JBS cierra un acuerdo preliminar en reclamo judicial por manipulación de precios

03 February 2022 The company agreed to pay \$52.5 million in a preliminary settlement

JBS SA agreed to pay \$52.5 million to settle litigation accusing meat-packing companies of conspiring to limit supply in the \$63 billion-a-year US beef market in order to inflate prices and boost profit, reported Reuters.

The preliminary settlement by the Brazilian company and its US units with so-called direct purchasers was disclosed on Tuesday, and is the first in nationwide antitrust litigation over beef price-fixing.

Lawyers for the purchasers called the accord an "icebreaker" and an excellent recovery, citing JBS' \$24.5 million settlement in 2020 of price-fixing claims by pork purchasers.

JBS' lawyers did not immediately respond on Wednesday to requests for comment.

The accord requires approval by Chief Judge John Tunheim of the federal court in Minneapolis. Other defendants include Cargill Inc, National Beef Packing Co and Tyson Foods Inc.



JBS settled one month after US President Joe Biden announced a plan for new rules to bolster competition and stop "exploitation" in the meat sector.

Biden spoke amid concern that a small group of meat packers were capable of dictating beef, pork and poultry prices, adding to inflation pressures caused by rising labour and transportation costs and by COVID 19-related supply constraints.

In their lawsuit, direct purchasers accused the defendants, which controlled an estimated 80% of US fresh and frozen beef supply, of conspiring since 2015 to reduce slaughter volumes, creating a shortfall that smaller companies could not make up.

Commercial beef purchasers and consumers have brought similar lawsuits. Cattle producers also sued, claiming they were paid less than they would have received in a competitive market.

Tunheim also handles litigation concerning the alleged fixing of pork prices. A Chicago federal judge handles litigation concerning the alleged fixing of broiler chicken prices.